

“SOCIEDADES ISLÂMICAS: UM CONTEXTO PLURAL”

Colóquio Internacional

**1 de Junho de 2007
FLUP**

“SOCIEDADES ISLÂMICAS: UM CONTEXTO PLURAL” COLÓQUIO INTERNACIONAL

Para derrubar estereótipos como a “homogeneidade” das sociedades islâmicas ou o tão apregoado confronto das civilizações, afigura-se cada vez mais premente chamar para o debate novos actores. Actualmente, muitos pensadores das sociedades ditas islâmicas propõem uma dinâmica e um olhar singulares sobre os desafios hoje colocados à vasta área vulgarmente designada “muçulmana”.

Apesar da partilha de uma narrativa religiosa comum, da defesa da governação baseada na interpretação da lei islâmica, de um discurso profundamente patriarcal para conter a esfera de acção feminina e de um quotidiano vivido sob o permanente travão ao desenvolvimento económico e tecnológico, as sociedades islâmicas aglomeram um universo muito denso e com múltiplas especificidades, decorrentes de fenómenos endógenos e exógenos, marcados por histórias diversas, que hoje também enfrentam experiências e evoluções várias face à mundialização.

Julga-se assim, imperativo, porque mais rigoroso, pensar nesta pluralidade de povos como um mosaico onde se confrontam tensões de ordem religiosa, filosófica, política e socio-económica, ao longo de um “cinto” islâmico que se estende de Marrocos à Indonésia, sobre o eixo este-oeste, e do Cazaquistão até à Tanzânia, no eixo norte-sul.

Trata-se de pensar um vasto território, traçado desde o continente africano até ao asiático, sem contar com as bolsas de populações árabes e muçulmanas nos diversos cantos do globo, bolsas formadas no passado pela marca das conquistas árabes no Extremo-Oriente, ou bem mais tarde, com a constituição de diásporas na América do Norte e do Sul, na Europa e na Austrália – e que hoje engloba um complexo mundo de 1,2 mil milhões de indivíduos.

Para desconstruir o conceito de “mundo árabe/muçulmano” monolítico, os debates promovidos neste encontro “Sociedades Islâmicas: um contexto plural”, serão assim obrigatoriamente tecidos com as ferramentas da História, da Economia, da Política, da Geografia, da Filosofia, da Teologia, da cultura e da civilização. Reflectir desta forma sobre a diversidade das sociedades islâmicas permitirá produzir análises mais finas, menos redutoras e menos simplistas.

“SOCIÉTÉS ISLAMIQUES: UN CONTEXTE PLURIEL” COLLOQUE INTERNATIONAL

Pour déconstruire des stéréotypes comme l'« homogénéité » des sociétés islamiques ou la très discuté confrontation des civilisations, il faut, de plus en plus, apporter pour le débat des nouveaux acteurs. De nos jours, plusieurs penseurs des sociétés dites islamiques proposent une dynamique et un regard singulier sur les défis placés aujourd'hui à la vaste zone couramment désigné comme « musulmane ».

Malgré le partage d'une narrative religieuse commune, de la défense d'un gouvernement basé dans l'interprétation de la loi islamique, d'un discours profondément patriarcale, à fin de contenir la sphère d'action féminine, et d'un quotidien vécu sous le frein permanent au développement économique et technologique, les sociétés islamiques agglomèrent un univers très dense et avec multiples spécificités découlant des phénomènes endogènes et exogènes et marqués par des histoires différentes qui font face, aujourd'hui, à des expériences et à des évolutions diverses à l'égard de la mondialisation.

On trouve impératif, parce que plus rigoureux, de penser à cette pluralité de peuples comme un mosaïque où des tensions d'ordre religieuse, philosophique, politique et socio-économique se confrontent, au long d'une « ceinture » islamique qui s'étend du Maroc à l'Indonésie, sur l'axe est-ouest, et du Kazaquistan à la Tanzanie, dans l'axe nord-sud.

Il s'agit de penser à un vaste territoire, dessiné dès le continent africaine à l'asiatique, sans compter les bourses de populations arabes et musulmanes dans les divers coins du globe - bourses formés au passé par la marque des conquêtes arabes dans l'Extrême Orient, ou bien plus tard, avec la constitution de diasporas dans l'Amérique du Nord et du Sud, dans l'Europe et dans l'Australie – et qui englobent, aujourd'hui, un complexe monde de 1,2 mil millions d'individus.

Pour déconstruire le concept monolithique du monde « arabe/musulman », les débats promus par le Colloque “Sociétés Islamiques: un contexte pluriel”, seront, ainsi, obligatoirement ourdis avec les outils de l'Histoire, de l'Économie, de la Politique, de la Géographie, de la Philosophie, de la Théologie, de la culture et de la civilisation. Ce type de réflexion sur la diversité des sociétés islamiques permettra la production des analyses plus fines, moins réductrices et moins simplistes.

Paula Serra

(CEAUP)

PROGRAMA

PROGRAMME

1 de Junho de 2007

Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras do Porto

10h00 – Sessão de abertura e distribuição da documentação aos participantes

10h30-11h00 – Pausa

11h30-12h30

Rachid Benzine - Universidade de Aix-en-Provence, França
Penser «l’Islam» et les sociétés travaillées par le «fait islamique» en contexte de mondialisation

Khalil Samir – Universidade Saint Joseph – Beirute, Líbano
Islam versus Islamisme

12H30-13H00 – Debate circunscrito às comunicações

13h00-15h00 – Almoço

15h00-16h00

Houria Alami – Faculdade de Ciências Jurídicas, Económicas e Sociais, Universidade de Hassan II, Casablanca
Les droits des femmes et les valeurs religieuses. Le cas du Maroc.

Adelino Torres – ISEG, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal
A Economia Política e o mundo islâmico na actualidade

16h00-17h00 – Debate circunscrito às comunicações

17h00-18h00 - Debate generalizado: “Sociedades Islâmicas – um contexto plural”

18h00- Encerramento do Colóquio

Comissão organizadora

Elvira Mea (CEAUP)

Maciel Morais Santos (CEAUP)

Paula Serra (CEAUP)

APOIOS:

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Porto Editora

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

PENSER “L’ISLAM” ET LES SOCIÉTÉS TRAVAILLÉES PAR LE “FAIT ISLAMIQUE” EN CONTEXTE DE MONDIALISATION

Rachid Benzine

Université d’Aix-en-Provence, France

Beaucoup d’acteurs sociaux dits « musulmans » ou « occidentaux » utilisent par commodité de langage ou par paresse intellectuelle, ce mot valise « islam », pour tenter de comprendre et d’expliquer la plupart des événements qui se produisent dans des sociétés aussi diverses que le Maroc, l’Iran ou l’Indonésie. « L’islam » se retrouve notamment mobilisé pour une apologétique « islamique » (L’islam conditionne toute la vie de l’*homo islamicus*, l’islam par son système de valeurs est supérieur à l’occident) soit pour se retrouver dénigré... Ainsi nombre de réalités ou perceptions négatives sont ainsi mises sur le compte de « l’islam » : l’absence de libertés dans des pays où les pouvoirs se réclament de « l’islam », la condition de la femme des sociétés « musulmanes », la persistance de discours « religieux » voulant régir les mœurs et les comportements des individus, la confusion des instances politiques et religieuses, les intolérances visant des expressions de vie sociale et intellectuelle... Pourtant, limiter au seul « islam » la cause de ces réalités et perceptions négatives, c’est faire l’impasse sur l’ensemble des données politiques et géopolitiques, sociologiques, anthropologiques, économiques, psychologiques qui ont construit et construisent ensemble la réalité de ce monde dit « arabo-musulman ». La méconnaissance (voire, et c’est plus grave : l’occultation) de ces facteurs ne peut qu’handicaper gravement une pensée se donnant pour vocation de comprendre un « continent religieux » aussi riche d’histoires et de cultures diverses.

PENSAR « O ISLÃO » E AS SOCIEDADES TRABALHADAS PELO « FEITO ISLÂMICO » NUM CONTEXTO DE MUNDIALIZAÇÃO

Rachid Benzine

Universidade de Aix-en-Provence, França

Muitos actores sociais ditos « muçulmanos » ou « ocidentais » utilizam, por comodidade de linguagem ou por preguiça intelectual, este vocábulo mala « Islão», para tentar compreender e explicar a maior parte dos acontecimentos que se produzem em sociedades tão diferentes como Marrocos, o Irão ou a Indonésia. « O Islão » encontra-se especialmente mobilizado por uma apologética « islâmica » (O Islão condiciona toda a vida do *homo islamicus*, o Islão pelo seu sistema de valores é superior ao ocidental) seja para se encontrar denegrado... Desta forma muitas realidades ou percepções negativas são, desta forma, atribuídas à conta do « Islão » : a ausência de liberdade em países onde os poderes se dizem do «Islão», a condição da mulher nas sociedades « muçulmanas », a persistência de discurso « religioso » querendo reger os costumes e os comportamentos dos indivíduos, a confusão das instâncias políticas e religiosas, as intolerâncias que visam as expressões da vida social e intelectual

Contudo, limitar somente ao « Islão » a causa destas realidades e percepções negativas, é provocar um impasse no conjunto dos dados políticos e geopolíticos, sociológicos, antropológicos, económicos, psicológicos, que construíram e constroem o conjunto da realidade deste mundo dito « arabo-muçulmano ». O desconhecimento (diga-se mesmo, e mais grave: a ocultação) destes factores só prejudica gravemente um pensamento que tem por intenção compreender um « continente religioso » tão rico em históricas e em culturas diversas.

ISLAM VERSUS ISLAMISME

Khalil Samir

Université Saint Joseph – Beirut, Liban

1. Terrorisme enfant de l'islamisme

On entend souvent dire que le terrorisme islamique est une réaction à la violence et à l'agression d'Israël et de l'Occident contre le monde musulman. A mon avis, c'est une vision faussée de la réalité. Le terrorisme a d'abord pour fondement l'islamisme, cette interprétation fondamentaliste, pure et dure de l'islam ; une certaine lecture salafite du Coran et de la Sunnah, un attachement aveugle à la tradition des Anciens (*salaf*), a permis de justifier certains actes de violence et de terrorisme. La violence et les agressions de l'Occident et d'Israël viennent renforcer un courant existant et une attitude déjà confirmée.

Le terrorisme est une manifestation d'une maladie interne de l'Islam bien plus profonde, d'une certaine manière de concevoir la religion musulmane et la vie humaine. C'est pour cela qu'on ne peut combattre ce terrorisme simplement par les armes. Le terrorisme islamique n'est pas un simple acte de violence gratuite, c'est vu comme l'application d'un devoir sacré religieux exprimé dans certains passages du Coran et certaines pratiques du Prophète de l'Islam.

Pour les islamistes, la plupart des 57 pays musulmans n'ont de musulman que le nom. En réalité, ce sont des hypocrites (*munāfiqūn*) qui prennent l'Occident pour modèle et contre lesquels il faut lutter. Nous les trouvons partout : Pakistan, Somalie, Nigeria, Egypte, Maroc, Arabie, Iran, Malaisie, Philippines, Indonésie ... et Europe.

2. Islamisme et infantilisme religieux

La pensée salafite s'élabore à partir du Coran et de la Sunnah et en est une des traditions interprétatives. Le courant islamiste s'appuie sur cette interprétation et la radicalise, en la concrétisant en de multiples exemples concrets. Il prétend être l'unique interprétation authentique de l'Islam. Il prescrit un comportement concret précis s'appliquant à tous les aspects de la vie quotidienne : nourriture, vêtements, travail, relations, pureté ... L'islamisme pénètre tout et laisse peu d'espace à la liberté humaine.

Typique de cette situation est la diffusion des fatwas, devenu phénomène social. De nombreux fidèles fondamentalistes ont le sentiment d'être ignorants de la vraie religion et incapables de discerner par eux-mêmes le vrai du faux, le licite et l'illicite (*halāl* et *harām*). Leur seul recours sont les muftis à qui ils demandent des fatwas sur tout et rien,

sur les moindres détails du quotidien, comme sur les questions les plus graves : la vie et la mort de telle personne ou groupe. Des milliers de fatwas apparaissent ainsi chaque mois.

Par là, les fidèles se comportent comme des enfants, incapables de penser et de juger par eux-mêmes. Former l'esprit critique, et enseigner à le pratiquer aussi à l'égard de la religion, est le meilleur antidote au poison de l'islamisme. L'Occident a le devoir de défendre les musulmans contre l'islamisme, qui menace la santé et la survie de l'Islam et du monde.

3. Islamisme fausse solution des crises

D'ailleurs l'islamisme est un néologisme arabe : *al-islāmiyyūn*. Jusqu'à la fin des années 70, ce terme n'existait pas comme substantif en arabe. On ne parlait que de *musulimūn*. On a créé ce néologisme en Egypte, pour décrire la situation de ces musulmans radicaux ou fondamentalistes qui visaient à instituer un projet islamique basé sur la *charia*. Cette tendance réapparaît toutes les fois que la société musulmane est en crise, et l'islamisme se présente comme un «réveil» (une *saḥwah*), comme un «retour» à la pureté des origines. L'islamisme est une tendance extrémiste qui se présente comme le véritable islam.

Les défaites militaires, les dictatures, l'absence de démocratie et les divisions politiques, les crises économiques, l'invasion culturelle, etc. n'expliquent pas la fascination des masses musulmanes pour l'islamisme. Ce sont des éléments externes au monde musulman, tandis que le mal est au coeur même de l'Islam : dans certains passages du Coran et de la Sunnah, interprétés de manière littérale et appliqués aux situations actuelles.

L'islam ne s'identifie donc pas avec le radicalisme islamique, qui n'est cependant pas étranger à l'Islam. Ce radicalisme est une altération et même une régression. Il se manifeste dans l'application des châtiments prévus au 7^e siècle par le Coran : lapidation des femmes adultères (jamais des hommes), pendaison des homosexuels, condamnation à mort de l'apostat, amputation des membres du voleur. Autant d'actes de violence contraires aux droits de l'homme et que le Coran aurait, je pense, désavoués. Violences contre juifs et chrétiens, et actes de terrorisme contre tout le monde : occidentaux et musulmans.

Ensemble combattre toute forme de violence faite au nom de Dieu

Nous assistons aujourd'hui partout dans le monde à des rencontres entre musulmans et chrétiens. On ne saurait rendre assez grâce à Dieu pour ce fait. Cependant le dialogue ne suffit pas ; il faut collaborer tous ensemble (chrétiens et musulmans, et aussi les non-croyants) pour dénoncer de manière non ambiguë toute violence, surtout celle faite au nom de Dieu. L'usage de celle-ci est une prétention intolérable, qui fausse l'image de Dieu et de la religion, comme cela a été rappelé par Benoît XVI à Ratisbonne le 12 septembre 2006.

ISLÃO VERSUS ISLAMISMO

Khalil Samir

Universidade Saint Joseph – Beirute, Líbano

1. Terrorismo « filho » do Islamismo

Ouvimos dizer várias vezes que o terrorismo islâmico é uma reacção à violência e à agressão de Israel e do Ocidente contra o mundo muçulmano. Na minha opinião, é uma visão deformada da realidade. O terrorismo tem em primeiro lugar como fundamento o islamismo, a interpretação fundamentalista, pura e dura do Islão; uma certa leitura salafita do Corão e da Sunnah, uma afeição cega à tradição dos Antigos (*salaf*), permitiu justificar certos actos de violência e de terrorismo. A violência e as agressões do Ocidente e de Israel vêm reforçar uma corrente existente e uma atitude já confirmada.

O terrorismo é uma manifestação duma doença interna muito mais profunda do Islão, duma certa maneira de conceber a religião muçulmana e a vida humana. É por isto que não se pode combater este terrorismo apenas pelas armas. O terrorismo islâmico não é um simples acto de violência gratuita, é visto como a aplicação de um dever sagrado religioso expresso em certas passagens do Corão e certas práticas do Profeta do Islão.

Para os islamitas, a maioria dos 57 países muçulmanos de muçulmano só têm o nome. Na realidade, são os hipócritas (*munāfiqūn*) que tomam o Ocidente como modelo e contra os quais é necessário lutar. Encontramo-los por toda a parte: Paquistão, Somália, Nigéria, Egipto, Marrocos, Arábia, Irão, Malásia, Filipinas, Indonésia... e Europa.

2. Islamismo e infantilismo religioso

O pensamento salafita elabora-se a partir do Corão e da Sunnah e é uma das tradições interpretativas. A corrente islamista apoia-se nesta interpretação e radicaliza-a, concretizando-a em múltiplos exemplos concretos. Pretende ser a única interpretação autêntica do Islão. Prescreve um comportamento preciso que se aplica a todos os aspectos da vida quotidiana: alimentação, vestuário, trabalho, relações, pureza... O islamismo penetra em tudo e deixa pouco espaço para a liberdade humana.

Exemplo típico desta situação é a difusão das *fatwas*, tornadas fenómeno social. Muitos fundamentalistas fiéis são ignorantes quanto à verdadeira religião e incapazes de discernir por eles próprios o verdadeiro do falso, o lícito do ilícito (*halāl* et *harām*). O seu único recurso são os muftis a quem eles pedem as fatwas por tudo e por nada, sobre os

mais pequenos detalhes do quotidiano, como para questões muito graves: a vida e a morte de determinada pessoa ou grupo. Surgem, assim, milhares de *fatwas* todos os meses.

Daí, os fiéis comportam-se como crianças, incapazes de pensar e de julgar por si mesmos. Formar um espírito crítico e ensinar a sua prática independentemente da religião, é o melhor antídoto para o veneno do islamismo. O Ocidente tem o dever de defender os muçulmanos contra o islamismo que ameaça a saúde e a sobrevivência do Islão no mundo.

3. O Islamismo, falsa solução das crises

Para além do mais, o islamismo é um neologismo árabe: *al-islāmiyyūn*. Até ao final dos anos 70, este termo não existia como substantivo em árabe. Só se falava de *musulimūn*. Criou-se este neologismo no Egipto para descrever a situação destes muçulmanos radicais ou fundamentalistas que visavam instituir um projecto islâmico baseado na *charia*. Esta tendência reaparece todas as vezes que a sociedade muçulmana está em crise, e o islamismo apresenta-se como um «despertar» (uma *sahwah*), como um «regresso» à pureza das origens. O islamismo é uma tendência extremista que se apresenta como o verdadeiro Islão.

As derrotas militares, as ditaduras a ausência da democracia e as divisões políticas, as crises económicas, a invasão cultural, etc. não explicam a fascinação das massas muçulmanas pelo islamismo. São elementos externos ao mundo muçulmano, enquanto que o mal está no próprio seio do Islão : em certas passagens do Corão e da Sunnah, interpretadas de maneira literal e aplicadas às situações actuais.

O Islão não se identifica, portanto, com o radicalismo islâmico, que não é, contudo, estranho ao Islão. Este radicalismo é uma alteração e mesmo uma regressão. Manifesta-se na aplicação de castigos previstos no século VII pelo Corão : apedrejamento das mulheres adúlteras, (nunca dos homens), enforcamento dos homossexuais, condenação à morte dos apóstatas, amputação dos membros dos ladrões. Outros actos de violência contrários aos direitos do Homem e que o Corão teria, penso eu, desaconselhado. Violência contra judeus e cristãos, e actos de terrorismo contra todo o mundo : ocidentais e muçulmanos.

Combater em conjunto toda a espécie de violência feita em nome de Deus

Assistimos hoje em dia por todo o lado a reencontros entre muçulmanos e cristãos. Nunca conseguiríamos agradecer o suficiente a Deus por este facto. Contudo, o diálogo por si só não é suficiente ; é necessário colaborarmos em conjunto (cristãos, muçulmanos e não-crentes também) para denunciar de forma inequívoca toda a violência, sobretudo a que é feita em nome de Deus. A utilização desta é uma pretensão intolerável, que falsifica a imagem de Deus e da religião, como foi lembrado pelo Papa Bento XVI em Regensburg a 12 de Setembro de 2006.

LES DROITS DES FEMMES ET LES VALEURS RELIGIEUSES. LE CAS DU MAROC.

Houria Alami

Faculté de Sciences Juridiques, Economiques et Sociales
Université Hassan II, Casablanca

Le point de départ de cette communication est le constat de la dynamique de la question des femmes dans un certain nombre de pays musulmans qui connaissent ainsi une évolution positive malgré les résistances.

Ces dernières années marquent en effet une accélération de la visibilité de la question des femmes dans le monde musulman. Cette évolution est caractérisée non seulement par le renforcement des comportements régressifs au nom de la religion et des clichés (les femmes victimes de l'islam), mais aussi et surtout par les progrès du droit dans tous les domaines politique, économique, juridique et social entraînant des transformations considérables dans les relations entre les hommes et les femmes. Or, ces mutations remettent en cause les certitudes culturelles sur lesquelles vit la société et provoquent des résistances. C'est ainsi qu'au Maroc, l'examen des mutations à l'œuvre sur la place et la situation des femmes démontre que les attitudes de repli sur soi sont révélatrices d'une crise qui met particulièrement à mal les valeurs religieuses qui sont soumises à un processus difficile et douloureux de rationalisation dans le sens de la modernité. La transformation du droit qui fixe les règles des rapports des citoyens et des citoyennes et dicte des comportements contribue à exacerber les réactions de rejet.

Pourtant malgré des attitudes qui laissent croire que la société s'installe dans le conservatisme, voire revendique, au nom de l'identité et de la religion, les valeurs les plus éculées, des changements positifs importants sont à l'œuvre. Dans la sphère publique comme dans la sphère privée, la société est entrée dans une phase de négociation sur la question des femmes dans la société. Hommes et femmes sont ainsi contraints de se repositionner, de tenter de s'adapter et de reconstruire leurs rôles sur la base de nouveaux rapports.

OS DIREITOS DAS MULHERES E OS VALORES RELIGIOSOS. O CASO DE MARROCOS.

Houria Alami

Faculdade de Ciências Jurídicas, Económicas e Sociais
Universidade de Hassan II, Casablanca

O ponto de partida desta comunicação é a acção da dinâmica da problemática das mulheres num certo número de países muçulmanos que conhecem, desse modo, uma evolução positiva, apesar das resistências.

Estes últimos anos marcaram, com efeito, uma aceleração na visibilidade da problemática das mulheres no mundo muçulmano. Esta evolução é caracterizada não só pelo reforço de comportamentos regressivos em nome da religião e dos clichés (as mulheres vítimas do Islão), mas, e sobretudo, pelo progresso do direito em todos os domínios, político, económico, jurídico e social, levando a transformações consideráveis nas relações entre homens e mulheres. Ora estas mutações põem em causa as certezas culturais sobre as quais vive a sociedade e provocam resistências. Foi assim que, em Marrocos, o exame das mutações que aí estão em marcha e a situação das mulheres demonstrou que as atitudes de introversão revelam uma crise que coloca em má posição os valores religiosos que são submetidos a um processo difícil e doloroso de racionalização no sentido da modernidade. A transformação do direito que fixa as regras das relações dos cidadãos e das cidadãs e que dita os comportamentos contribui para exacerbar as reacções de rejeição.

No entanto, apesar das atitudes que fazem crer que a sociedade está instalada no conservadorismo, e que reivindica até, em nome da identidade e da religião, valores completamente ultrapassados, estão em marcha mudanças positivas importantes. Na esfera pública como na esfera privada, a sociedade está a entrar numa fase de negociação sobre a questão das mulheres na sociedade. Homens e mulheres são assim obrigados a reposicionarem-se, a tentarem adaptar-se e a reconstruírem os seus papéis com base em novas relações.

“L’ÉCONOMIE POLITIQUE ET LE MONDE ISLAMIQUE AUJOURD’HUI”

Adelino Torres

Université Technique de Lisbonne /ISEG

Le monde islamique traverse, dans l’Afrique du Nord et le Moyen-Orient (ANMO), une des crises les plus graves de son existence, aussi bien sur le plan économique que sur les plans social et politique.

Dès les années 1950, notamment, les expériences de développement économique en ce qui concerne l’industrialisation, ont suivi, dans l’essentiel, les stratégies de “*substitution des importations*”, lesquelles avaient des ressemblances très fortes avec le processus suivi, à partir des années 60, par l’Afrique Subsaharienne, comme cela était déjà arrivé dans d’autres continents. Les résultats ont été également négatives dans l’ANMO, mais le présupposé néolibéral, surtout à partir des années 1980, des institutions du “*Consensus de Washington*” n’a pas obtenu de meilleurs résultats et est aujourd’hui discrédité, non seulement par l’opinion publique comme parmi une partie croissante de chercheurs et universitaires dans tout le monde, y compris parmi les chercheurs anglo-saxons.

À la complexité des problèmes du monde islamique s’ajoute aussi ce que plusieurs auteurs appellent la “*question religieuse*” dont les racines remontent, selon cette opinion, au VIIe siècle.

L’objectif de cette communication est de démontrer que les problèmes économiques, politiques et sociaux de l’ANMO sont à la base des difficultés de développement et que si le “problème religieux” - ou de “*civilisation*”, comme certains l’appellent de façon incorrecte - a, en effet, de l’importance, il semble, cependant, que ce « problème religieux » est moins la cause que la conséquence de la crise que la région traverse, laquelle a son origine surtout dans la situation interne des pays de la zone et dans le contexte des relations internationales contemporaines que la conditionnent en grande mesure. Ces relations internationales doivent être analysées avec une référence spéciale à la méthodologie du courant dit de « l’*Economie Politique Internationale* », en particulier, tel qu’il est traité dans l’œuvre de Susan Strange, laquelle s’éloigne tout autant des courants classiques dits “réalistes” (Gilpin) que des analyses positivistes strictement économiques des institutions internationales.

“A ECONOMIA POLÍTICA E O MUNDO ISLÂMICO NA ACTUALIDADE”

Adelino Torres

Universidade Técnica de Lisboa/ISEG

O mundo islâmico, na África do Norte e Médio Oriente (ANMO), atravessa uma das crises mais graves da sua existência, tanto no plano económico quanto nos planos social e político.

Nomeadamente, as experiências de desenvolvimento económico no que concerne a industrialização desde os anos 50, seguiram, no essencial, as estratégias de “*substituição de importações*”. Nesse aspecto têm fortes semelhanças com o processo seguido igualmente, a partir dos anos 60, pela África Sub-Saariana como já antes tinha sido noutros continentes. Os resultados foram na ANMO igualmente negativos, mas a proposta (neoliberal), sobretudo a partir dos anos 80, das instituições do “*Consenso de Washington*” não obtiveram melhores resultados e estão hoje desacreditadas, não apenas junto da opinião pública mas entre uma parte crescente dos investigadores e universitários de todo o mundo, incluindo anglo-saxónicos.

À complexidade dos problemas do mundo islâmico acresce ainda o que muitos chamam “*a questão religiosa*” cujas raízes remontam, segundo esta opinião, ao século VI.

O objectivo desta comunicação é de tentar demonstrar que os problemas económicos, políticos e sociais da ANMO estão na base das dificuldades de desenvolvimento e que o “*problema religioso*” - ou “*civilizacional*” como alguns lhe chamam impropriamente - se tem, de facto, alguma importância, parece, no entanto, ser mais a consequência do que a causa da crise que esta região atravessa., a qual tem origem sobretudo na situação interna dos países da zona e no contexto das relações internacionais contemporâneas que os condicionam em grande medida. Tais relações internacionais devem ser analisadas com referência especial à metodologia da corrente intitulada “*Economia Política Internacional*”, em especial tal como ela é tratada na obra de Susan Strange, a qual se afasta tanto das correntes clássicas ditas “realistas” (Gilpin) como das análises positivistas estritamente económicas das instituições internacionais.